

W, X, Y, Z

WELTANSCHAUUNG

Uma concepção intuitiva e totalizante do mundo, um sentimento geral ou cosmovisão pré-científica que interpreta os significados dos fenômenos sociais e psicoculturais de uma época em função da própria existência particular e de seus conflitos. O termo foi utilizado por Karl Jaspers em sua obra *Psychologie der Weltanschauung*, na qual se distinguem as visões, as imagens ou as concepções espaço-sensoriais, as psíquicas e as metafísicas do mundo. O mesmo que mundividência. *Intuição.

WORKSHOP

1. Termo inglês correspondente a Oficina ou Ateliê. 2. Curso intensivo ou condensado nas áreas artística e esportiva. 3. Experimentação de uma técnica ou de uma concepção estética, principalmente nas áreas teatral e coreográfica, com a função de "laboratório", ou seja, de pesquisa formal. Com esse sentido foram constituídas algumas escolas de renome no século XX, como a *Dramatic Workshop* de Nova Iorque, na qual trabalhou Erwin Piscator, o *Theatre Workshop*, da encenadora inglesa Joan Littlewood, ou o *American Lyric Theatre Workshop*, centro de aprendizado e de criação de dança do coreógrafo Jerome Robbins.

WORLD MUSIC. *MÚSICA MUNDIAL

XÁCARA

Termo árabo-ibérico para *Romanceiro.

XADREZ

Padrão decorativo de qualquer superfície que se baseia na oposição ou no contraste de formas geométricas (como quadrados, losangos e retângulos), formadas por cores ou texturas diferentes.

XARDA

Dança e música popular da Hungria, de compasso 2/2 ou 4/2, contendo uma parte inicial lírica e melancólica – *lassu* – e a seqüência principal, alegre e vigorosa – *friss*. Foi utilizada como base para composições instrumentais eruditas (Xarda Macabra, de Liszt, por exemplo), assim como para balés (Copélia, de Delibes, O Lago dos Cisnes, de Tchaikovsky) e operetas (O Morcego, de Strauss II, A Viúva Alegre, de Franz Léhar). Existem as grafias Csárdás e Czarda, embora não aporuguesadas.

XAXADO

Dança do sertão pernambucano brasileiro que se difundiu principalmente em meio aos grupos de cangaceiros, como os de Lampião e Corisco, ali se mantendo como exclusividade masculina. Tendo por base rítmico-melódica o baião (ver), é dançado em roda ou em fila por meio do avanço batido e ao mesmo tempo frontal e lateral de um dos pés, imediatamente deslizado para trás, enquanto o outro o acompanha apenas no

avanço frontal. Os temas originais diziam respeito à vida cangaceira ou a proezas de um “cabra-macho”. Com Luís Gonzaga e outros compositores ou intérpretes do baião, o xaxado ganhou notoriedade na música popular brasileira, a partir de meados da década de quarenta, incorporando-se às danças de salão ou forrós, adotando também temas líricos ou narrativos. O nome parece derivar do ruído provocado pelas sandálias no arrastar dos passos.

XILOGLIFIA

Técnica artesanal de desenhar e gravar, em relevo e sobre madeira, letras ou caracteres para posterior impressão em papel, ou qualquer outro suporte liso.

XILOGRAFIA, XILOGRAVURA

Arte de gravação elaborada em relevo, sobre madeira, e sua estampagem. Quando a superfície do bloco é talhada, com o emprego de ferramentas apropriadas – formão, talha, goiva –, obtêm-se relevos internos espelhados (invertidos), aptos a serem entintados e impressos. Foi criada na China, por volta do século VIII, mas conhecida na Europa, e a partir dela no Ocidente, apenas em fins do século XIV. Os exemplos mais antigos são a prancha “Bois Protat” (França, cerca de 1380), seguidas da Madona de Bruxelas (1418) e do São Cristóvão de Buxheim (Alemanha, 1423). O entalhamento da madeira pode se dar acompanhando-se a direção natural das fibras (xilogravura de fibra ou “ao fio”), como também em sentido cruzado ou perpendicular (xilogravura de topo ou “em pé”). Esta última forma é mais recente, tendo surgido no século XVIII, na Inglaterra, pelas mãos do artista, ilustrador e xilógrafo Thomas Bewick. Os desníveis mais profundos do relevo recebem maior quantidade de tinta, e vice-versa. Com essas variações, consegue-se com que o desenho apresente os contrastes necessários de branco, cinzas e negro. Já para as gravuras em cores, cada bloco é usado para uma tonalidade diferente. Em Portugal e no Brasil, serviu como meio de difusão dos romancesiros e de outros gêneros populares da literatura de cordel (consultar Cordel, Literatura). Entre os xilógrafos brasileiros populares, destacam-se os artistas Cirilo, Manuel Apolinário, Damásio Noza e J. Barros. Ver ainda Gravura.

YGGDRASIL

Árvore cósmica da mitologia germano-escandinava situada no Centro do Mundo e que une três níveis: o céu (Walhala), a Terra (Midgardh, ou morada do meio) e o mundo subterrâneo (Hel, por vezes denominado Inferno). Símbolo da vida, do conhecimento, do tempo e do destino, suas três raízes enterram-se em três mundos: o dos gigantes, o do subterrâneo (guardado pelo dragão Nidhung) e o do mundo dos homens. Segundo o comentarista medieval Snorri Sturluson, cada uma das três raízes mergulha num poço ou fonte, sendo as mais afamadas a Mímir, em cujas águas o grande Odin realimenta sua sabedoria, e Urdharbrunnr, a do destino. Na opinião de Mircea Eliade, “é importante sublinhar os traços especificamente germânicos (do mito): a Árvore – isto é, o Cosmo – com o seu próprio aparecimento, anuncia a decadência e a ruína final; o destino, Urdhr, está escondido no poço subterrâneo onde suas raízes mergulham. Segundo o *Völuspa*, a deusa do destino determina a sorte de todo ser vivo, não somente dos homens, como também dos deuses e gigantes. Toda forma de existir – o Mundo, os deuses, a vida e os homens – é perecível, e, no entanto, suscetível de ressurgir no começo de um novo ciclo cósmico”. Para certos especialistas, algumas dessas características sugerem uma absorção de idéias greco-romanas e cristãs ao longo de séculos de contato.

ZANNI

Máscara utilizada inicialmente para caracterizar criados tolos e engraçados em comédias ou farsas italianas renascentistas, e que acabou por se transformar na galeria de tipos fixos da *Commedia dell'Arte* (consultar).

ZARZUELA

Opereta surgida na corte espanhola de Felipe IV, em meados do século XVII, em que se alternam o canto e o diálogo, e cujo primeiro compositor conhecido foi Juan Hidalgo. Musicalmente, sofreu influências posteriores da ópera cômica italiana e da ópera-bufa francesa, readquirindo raízes ibéricas durante o romantismo nacionalista do século XIX, na figura de Francisco Asenjo-Barbieri. Seguiram-lhe o caminho Joaquín Gaztambide, Juan Emilio Arrieta, Fernández Caballero, Chapí y Lorente, Tomás Breton, Federico Chueca, Pablo Sorozábal, Amadeo Vives, Jacinto Guerrero, Isaac Albeniz e Enrique Granados. Embora seja quase sempre um drama humorístico curto, há peças mais sérias e longas, desenvolvidas em três atos. O nome provém do palácio real de La Zarzuela, onde foram primeiramente encenadas.

ZÉ-PEREIRA

1. Canção ou música do norte de Portugal, acompanhada por bombos e tambores, executada em romarias e no período carnavalesco, bem como nome atribuído àqueles instrumentos de percussão. 2. Apelido dado, no Brasil, ao sapateiro português José Nogueira de Azevedo Paredes (segundo testemunho de Vieira Fazenda, na obra *Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro*), que, em 1846, organizou uma passeata musical e estrondosa no Rio de Janeiro. Os amigos que o seguiam pelas ruas, bebendo “vinhaça”, começaram a dar vivas ao sapateiro, modificando seu nome para Zé Pereira. A experiência repetiu-se nos anos seguintes e estimulou a formação de vários grupos semelhantes de foliões, ou zé-pereiras. No dizer de Edigar de Alencar, foi esta “a primeira manifestação autônoma de música no carnaval carioca”. Um verso de domínio público e já bastante conhecido no século passado registra: “Viva o Zé-Pereira! / Viva o carnaval! / Viva a alegria / Que a ninguém faz mal”.

ZEUGMA

Figura retórica de sintaxe em que uma palavra mencionada anteriormente fica subentendida na seqüência da frase ou da oração. Difere da *elipse porque, nesta última figura, a palavra não é dita. Exemplo clássico de Castilho: “Vieira vivia para fora, para a cidade, para a corte, para o mundo. Bernardes para a cela, para si, para o seu coração”. Pode ainda designar, a partir do significado grego original (atrelar animais de carga), a junção de palavras ou frases que não guardam o mesmo registro semântico, como no exemplo seguinte: “uma telenovela romântica, de grande impacto”. O fato de uma telenovela ser “romântica” (característica intrínseca), não pressupõe ou implica, necessariamente, a qualidade de provocar “impacto” objetivo, de audiência, ou vice-versa.

ZEUS

O “deus luminoso do céu”, entidade suprema dos povos antigos indo-europeus, e figura permanente de referência e de representação das artes greco-romanas (neste último caso, sob o nome de Júpiter). É ele o patriarca da terceira geração divina da mitologia grega, neto de Urano (o Céu fecundador da Terra, ou Géia) e filho do Tempo (Crono). Diz o mito que Zeus, para assenhorar-se do trono mantido pelo pai tirânico, então auxiliado pelos Titãs, teve de ser criado em segurança pelos Curetes e pelas Ninfas, na ilha de Creta, sendo amamentado na infância pela cabra Amaltéia. Já adulto, aconselhou-se com Prudência e esta receitou-lhe uma droga que, ingerida por Crono, o fez vomitar todos os

filhos anteriormente engolidos. Aliando-se então aos irmãos recém-libertos, Hades e Posídon, Zeus empreendeu uma formidável batalha pela posse do Olimpo, no transcorrer de dez anos. Com o intuito de aumentarem suas forças, os irmãos libertaram os Hecatonquiros e os Ciclopes do Tártaro. Agradecidos, estes últimos deram a Zeus o raio e o trovão; a Hades, o capacete da invisibilidade; e a Posídon, o tridente, com o qual poderia dominar o mundo aquático. Após a vitória, Zeus instalou-se soberano no céu; Hades ocupou seu lugar no mundo subterrâneo e Posídon dominou os mares. Outras guerras, no entanto, sucederam-se, instigadas por Géia: contra os Gigantes e, a seguir, contra o monstro Tifeu. O significado do mito parece indicar, com mais pertinência, a necessidade de uma recriação do mundo, com a finalidade de dar-lhe uma nova ordem, hierárquica, por certo, mas previsível e de maior equilíbrio entre as potências que o agitam. Ao desvencilhar-se da tirania paterna e sobrepujar as forças do caos, desmedidas e violentamente cegas, Zeus instalou os princípios de uma racionalidade que seria uma das marcas do espírito grego, mais evidentes na construção da *pólis* e da sua cultura humanística.

ZIGURATE, ZIGURATO

Torre e templo sumeriano, de formato quadrangular ou retangular, construído com adobe e de maneira escalonada, isto é, em degraus superpostos, possuindo ainda rampas contínuas de acesso, uma em cada face. Após o período sumeriano (III milênio), o zigurate permaneceu como forma arquitetônica religiosa de sucessivos impérios da Mesopotâmia (babilônico, elamita, assírio), servindo ainda de modelo para outras construções profanas (palácios). Edificados como moradas dos deuses, os maiores zigurates possuíam dois santuários: um situado no cume, provavelmente para guarda de oferendas, e outro na base, para cultos e festas regulares, como os das cidades de Eridu, Ur, Uruk e Babilônia. Diferentemente das pirâmides egípcias, não continham câmaras mortuárias internas.

ZIMBÓRIO

1. A superfície ou parte exterior de uma *cúpula, de formato convexo, semi-esférico. 2. A própria cúpula ou domo.

ZINGAMOCHO

Pináculo, grimpá ou elemento decorativo e sobresselente que dá remate a um zimbório, como pequenas torres, cruces, etc.

ZOILO

Crítico exagerado, maldoso ou extremamente severo e que, por tais atributos, perde a capacidade de opinar com equilíbrio. O termo é derivado do retórico grego de mesmo nome (século IV), que condenou veementemente as obras de Homero e de Platão, entre outros autores, sendo cognominado *Homeromastix* (açoite de Homero). Em seu bem-humorado prólogo do Dom Quixote, Cervantes, ao criticar a voga das citações de autores como recurso de credibilidade e de erudição, escreve: “De tudo isto há de carecer o meu livro, porque nem tenho que notar nele à margem, nem que comentar no fim, e ainda menos sei os autores que sigo para pô-los em um catálogo pelas letras do alfabeto, como se usa, começando em Aristóteles e acabando em Xenofonte, em *Zoilo* ou em Zêuxis, ainda que foi *maldizente um destes* e pintor o outro”.

ZOOM, ZUM

Efeito obtido por lente de aparelho fotográfico ou de câmeras cinematográfica e videográfica, também chamada objetiva zum, de foco variável, que aproxima ou distancia

o objeto ou cena enquadrada. Na aproximação, a paisagem sai do geral para o particular (*zoom-in*); com o distanciamento, passa-se do particular ao geral (*zoom-out*). Em cinema ou vídeo, o zoom funciona como uma das possibilidades de *travelling* (ver a palavra no item Cinema). O nome provém da marca Zoomar, a primeira a ser lançada comercialmente, e com tais características, no século XX.

ZOÓLITO

Pedra esculpida com formas de animais e cujos primeiros exemplares já datam do paleolítico superior.

ZOOMÓRFICO

Em artes plásticas, elemento decorativo ou ornamental que reproduz com fidelidade ou estiliza formas de animais.

ZOOMORFISMO

Religião ou culto de animais considerados encarnações sagradas de deuses, de seres sobrenaturais ou protetores de clãs e tribos. Crença na possibilidade da transformação de homens em animais.